

CANCIONEIRO

Vem, ó Maio, saúdám-te os povos,
em ti colhem viril confiança;
vem trazer-nos cerulea bonança,
vem, ó Maio, trazer-nos dias novos!

Vibre o hino de esperanças aladas
ao grão verde que o fruto matura,
á campina onde a messe futura
já flori sobre as negras queimadas!

Desertai, ó falanges de escravos,
da lavoura, da negra oficina;
um momento de tregua á fachina,
ó abelhas roubadas dos favos!

Levantemos as mãos doloridas,
e formemos um feixe fecundo;
nós queremos remir este mundo
dos senhores da terra e das vidas.

Sofrimentos, ideais, juventudes,
primaveras de turbido arcano,
verde maio do genero humano,
dai coragem aos animos rudes!

Enflorai ao rebelde caído,
com os olhos fixando o nascente,
ao obreiro que luta fremente,
ao poeta gentil, esvaído.

Original italiano de Pedro Gori, para se cantar com aria do côro da opera «Nabuco», de Verdi.

A canção da camisa

Sentada, coberta de farrapos,
com os dedos fatigados e
gastos, pesadas e vermelhas as
palpebras, está uma pobre mu-
lher puxando a agulha e a li-
nha. Cose, cose, cose! No meio
da pobreza, da fome, da lama;
e contudo, numa voz de timbre
doloroso, canta a *Canção da
Camisa!*

Cose, cose, cose! Enquanto
o galo canta ao longe! Cose,
cose, cose! Até que as estrelas
brilhem atravez das fendas do
telhado! que grande mal é,
pois, o de ser escrava entre os
turcos barbaros, ali onde a
mulher não tem alma a salvar,
se isto é o trabalho de uma
alma cristã!

«Cose, cose, cose! Até que
no cerebro passe a vertigem.
Cose, cose, cose! Até que os
olhos se tornem baços e se
abram a custo! A nesga, a ba-
inha, a préga; a préga, a nesga,
a bainha, até por fim cair adormecida
sobre os botões e pregá-
los no meio de um sonho!

«O' homens, que tendes ir-
mãs queridas; ó homens que
tendes mães e esposas, não é
roupa que usais! são vidas de
criaturas humanas! Cose, cose,
cose! Na pobreza, na fome, na
lama; cosendo, ao mesmo tem-
po, com a mesma linha, tanto
a mortalha como uma camisa.

«Cose, cose, cose! Trabalho
que jamais abranda. E qual é
o salario dêle? uma enxerga de
palha, uma codea de pão e

uns trapos para vestir. Este
telhado roto, este sobrado nu,
aquela mēsa, uma cadeira par-
tida; e uma parede de tal modo
desguarnecida, que chego a
dar graças á minha sombra
por algumas vėzes lhe cair em
cima!

«Cose, cose, cose! A' luz pa-
lida de dezembro, e cose, cose,
cose! quando o tempo está
brilhante e quente, enquanto
as andorinhas fazem os ninhos
nos beirais dos telhados, como
para me mostrarem as asas
cheias de sol e me darem com
a primavera na cara.

«Oh! quem me déra respi-
rar os perfumes da doce ma-
dressilva, tendo o ceu por cima
da cabeça e a relva debaixo
dos pés, quando mais não fosse
por uma hora! Sentir-me
como era d'antes, quando não
conhecia os horrores da neces-
sidade, nem as caminhadas
que custa um jantar!

«Oh! apenas uma hora e
bem curta! O tempo de soltar
um suspiro! Não, não queria
essa hora para a esperança e
para o amôr; queria-a para as
minhas penas! Algumas lágrima-
s aliviar-me-hiam o coração;
mas, nas suas células amargas,
tenho de reprimir os prantos,
porque me retardariam a linha
e a agulha!»

Thomas Hood.

*Dizem que Deus creou o ho-
mem livre, e os que isso di-
zem impõem condições ao ho-
mem em nome de Deus.*

Mantsony.

Dicionario subversivo

(Continuado do n.º 16)

CRUMIRO — Expressão com
que em alguns países são desi-
gnados os operarios que em
Portugal sempre se chamaram
«carneiros» e que os franceses
denominam «amarelos». Um
jornal inglês, traçando a figu-
ra do *crumiro*, escreveu: — «É
o ultimo a dar auxilio aos com-
panheiros e o primeiro a pre-
tendê-lo. Só respeita a si pro-
prio; não enxerga alem do dia
de hoje; e por dinheiro está
pronto a traír amigos, familia,
país».

D

DEMOCRACIA — Como a moral,
varia com as latitudes. Assim
o explica Le Bon: — Entre os
latinos, a palavra *democracia*
significa principalmente apaga-
mento da vontade e iniciativa
individuais, ante a vontade e
iniciativa da comunidade re-
presentada pelo Estado. Entre
os anglo-saxões, com especia-
lidade na America, significa,
pelo contrario, desenvolvimen-
to intenso da vontade e do in-
dividuo, apagamento, tão com-
pleto quanto possível, do Es-
tado.

DESPOTISMO — Calo do poder;
só doe aos que o pisam.

DEUS — Personagem sem fun-
ção reconhecida, em cuja exis-
tencia quasi ninguem acredita
ou se acredita por habito, cu-
ja intervenção na vida humana
é, no entanto, indiscutível que

Coisas pitorescas

Depois de afirmar perento-
riamente que nenhum anar-
quista pode, sem deixar de o
ser, intervir seja como fôr,
numa guerra, diz em *Tierra y
Libertad*—de 21-4-915, um ca-
marada:

«Y no se me diga que esta afirmación
tān rotunda es discutible. Hay asuntos
que no pueden discutirse, por ser lu-
minosamente palmarios. Su eviden-
cia imposibilita todas las dudas. Prestar-
se a discutirlos es embarullarlos y dar
señales de debilidad e inconsciencia. Pre-
tender su discusion demuestra la obcecación
más irreflexiva, por lo menos. En
lo ostensible, en lo basamental, no son
admisibles los términos medios, los circun-
loquios, las ambigüedades, las desvirtua-
ciones ni los juegos de vocablos; no cabe
más que ser o no ser.»

E depois de uma coluna de
considerações analogas sobre
o mesmo tema, declara que se
todos os anarquista da Terra
seguissem a orientação de Kro-
potkine, ele sósinho continuaria
«afirmando sin vacilaciones»
varias coisas, e...

*Repetiendo sin cesar y a todo rumbo
que los anarquistas somos los aristocra-
tas del pensamiento humano, residentes
en la más alta cima da verdad, por lo
cual no podemos descender poco ni mucho,
bajo pena de suicidio moral; y arrostrán-
dolo todo, hasta la muerte—y cien muer-
tes si cien vidas tuvieran—antes que em-
porcar mis manos con ninguno de los
instrumentos asesinos, mantenedores de
la cautividad, del capital y de la religion.»*

ninguem invoca a serio. (Bazi-
lio Teles).

DIA DE JUÍZO — O ultimo, que
ha de ser talvez o primeiro e
unico em Portugal—quanto
a juízo. (Camilo Castelo Bran-
co).

DIREITO DE PERNADA—Foi abo-
lido; não existe. Mas ha mulhe-
res que são forçadas a entre-
gar-se para obterem de comer
para seus filhos ou para seus
maridos ou para seus irmãos
ou para si.

DITADURA — Absolutismo ás
temporadas, ou então, como
escreveu E. Regnault, institui-
ção cujo principio é a aniqui-
lação das vontades gerais e das
particulares, um protesto odio-
so contra a intelligencia publica
e privada, um despreso insolente
de todo o direito e de toda a
ideia do justo.

DITADURA DO PROLETARIADO —
No dizer de Bernstein, é a di-
tadura de oradores dos clubs
e de literatos.

DIVISÃO DO TRABALHO — Princi-
pio que mais contribuiu para
aumentar as riquezas... e para
aproximar os homens e tornar
possível a nova ordem social
que a humanidade traz em ges-
tação.

DIVORCIO—Solução pseudo re-
volucionaria. Não passa de um
expediente. Livra um do outro,
ao homem ou á mulher; mas,
no dia seguinte, que abismo, se
esta não tem trabalho assegura-
do ou propriedade suficiente!

Nn.

(Continua).

Corrigindo

Na noticia — «A Tipografia»
da secção *Publicações* do ulti-
mo numero saiu: continua o
relato, quando era contém o
relato. E no «Corrigindo» apa-
receu isto: quando nós escre-
veremos *conservador*... e ha-
viamos escrito: quando nós es-
creveramos *Conservadores*...

PUBLICAÇÕES

Fora da lei — Assim se intitula
um panfleto semanal de que são au-
tores os srs. Hermano Neves e Hercula-
na Nunes, dois jornalistas muito co-
nhecidos no nosso meio. É um folheto
de 16 paginas, de aspecto atraente, on-
de os autores se propõem trat r das
questões publicas, fora de partidos e
grupos. É o seguinte, o sumario do
primeiro numero:

Na Agonia — Alguns aspectos da
situação politica que nos governa. Os
chefes politicos republicanos estão de
oratorio. A amnistia e as demlssões de
funcionario publicos. João Franco
rehabilitado. Como pode fazer-se a
restauração da monarchia. Uma farça
ndecorosa. *Carta ao Tenente Fran-
cisco de Arabão* — Angola, estran-
geiro. — Saudações ao Kaiser. — Os
internados. Paz octoviana. — A in-
diferença perante os acontecimentos.
— O medo. — Como em Portugal pen-
samos da Alemanha. — O pedido da
Inglaterra. — Intervem a politica. — O
fim da guerra europea. — Commenta-
rios. — Liberdade de imprensa. — O te-
nente Constanção.

Fora da lei publica-se ás quin-
tas-feiras, sendo o seu preço, 4 centa-
vos.